

Transgressão Contemporânea - Pequena Iniciação à Obra do Encenador Hispano-Argentino Rodrigo García

Jacqueline Pinzon*

Resumo:

O artigo enfoca algumas passagens da trajetória do artista teatral hispano-argentino Rodrigo García, renomado encenador da Espanha atual. São abordados seus primeiros anos em teatro, sua formação e algumas influências, bem como o modo como se configura e opera nos dias de hoje a companhia teatral espanhola fundada por ele: a Carnicería Teatro.

Palavras-Chave:

Rodrigo García, Teatro Espanhol Contemporâneo, Carnicería Teatro

Abstract

This article examines some aspects in the trajectory of the Spanish-Argentinean theatre director Rodrigo García, one of the most remarkable artists in the scene of the contemporary Spanish theatre. Thus, this text deals with his first years in the theatre, his formation and some of the influences he had upon his work, as well as the manner in which the Spanish theatre company founded by him – Carnicería Teatro – is organized and operates in the present days.

Key words:

Rodrigo García, Spanish Contemporary Theatre, Carnicería Teatro

Conheci Rodrigo García através das pesquisas desenvolvidas em meu período de Pós-Graduação. Ou melhor, minha orientadora de mestrado, professora Marta Isaacsson, apresentou-me à obra deste encenador, e, desde que incluí uma de suas criações¹ como meu objeto de estudo, as montagens de García têm feito parte de minhas reflexões acerca do teatro na contemporaneidade.

Dramaturgo, encenador, performer, cenógrafo e videasta, Rodrigo García é responsável por montagens ousadas de cunho iconoclasta, as quais problematizam os valores éticos, com ênfase na crítica nas relações de poder e na organização social e política. Suas montagens mesclam diferentes expressões, tais como a dança, a música, as mídias e a performance art, e nestas a violência submete e expõe corpos humanos e animais, criando passagens imagéticas de forte impacto. Argentino radicado na Espanha desde jovem, Rodrigo García é um dos renovadores da cena espanhola contemporânea e um dos mais proeminentes diretores do teatro europeu na atualidade.

García costuma apresentar em seus espetáculos uma visualidade excessiva, mas de planificação minuciosa. De modo geral, expõe, desde o início de cada espetáculo, grande parte dos objetos a serem usados no palco, e vai gradualmente acrescentando outros adereços à cena, até soterrar a cenografia em uma pletera de elementos em desordem. Como resultado, a cena garciniana frequentemente se configura através de descomedimentos de variadas ordens, como se pode observar em espetáculos como *La Historia de Ronald el Payaso McDonalds* (2002), *Compré Una Pala em IKEA Para Cavar Mi Tumba* (2002), *Ridicolo* (2007), ou no mais recente *Gólgota Picnic* (2011)².

Mesmo não optando por uma narrativa fabular, suas montagens costumam aludir disjuntiva e não-linearmente ao apelo fetichista da mercadoria, bem como às exigências de adequação a um modelo de consumo, de estética ou de comportamento. Para isso contribui a permanente exposição e o constante engajamento dos atores em cenas de violência física, psicológica ou moral, nas quais predominam a exacerbação dos sentidos e uma recusa às poéticas de idealização.

Colabora para esta torrencial visualidade da obra cênica de García, o uso das mídias em suas montagens, nas quais frequentemente são vistas imagens pré-gravadas ou captadas pelos atores no momento da apresentação. A relação com a mídia eletrônica adquire relevância na obra deste encenador na medida em que as imagens videográficas não ensejam relações figurativas ou complementares à cena, mas sim, oferecem paradoxos que aportam diferentes questionamentos ao espectador durante sua exibição.

García também reserva um lugar privilegiado para a palavra. Ao ler suas declarações em entrevistas ou acompanhar sua trajetória, pode-se perceber seu desejo de que a recepção de sua escrita se propague na cena sem moderação. Uma das formas mais peculiares desta aproximação reside no grande número de passagens de seus textos que, em seus espetáculos, aparecem projetados sobre diferentes superfícies cenográficas. Escritor teatral de reconhecimento internacional³, sua obra dramática recebe ampla divulgação e tradução em vários países, tendo sido montada por companhias de teatro na Espanha, França, Suíça, Itália, Argentina e Chile.

Com respeito às suas origens, García nasceu no ano de 1964 em um bairro pobre ao norte da Grande Buenos Aires. Apesar do intenso movimento teatral da capital argentina, o diretor não exerceu o ofício artístico em sua terra natal. No entanto, este confessa ter se tornado assíduo espectador de teatro, travando contato com encenações de autores tais como Eduardo Pavlovsky, Samuel Beckett, Harold Pinter, Fernando Arrabal e o encenador Tadeusz Kantor, suas principais influências ainda no período argentino. Aos vinte e dois anos, formou-se em Ciências da Computação na Universidade de Lomas de Zamora, em Buenos Aires e, depois de formado, Rodrigo García emigra para a Espanha.

Chegando ao novo país, o jovem argentino encontra uma Espanha que está em fase de transição, na qual recém havia assumido o Partido Socialista Obrero Español, o qual empreendia então inúmeras mudanças políticas, econômicas e culturais numa Espanha até há pouco isolada do resto da Europa pelo governo ditatorial de Francisco Franco.

¹ A obra em questão chama-se *A Un Certo Punto della Vita Dovresti impegnarti Seriamente E Smettere di Fare IL Ridicolo*, montagem realizada por García na Itália, no ano de 2007. Este espetáculo fazia parte do corpus de minha dissertação *Montagem Revelada*, desenvolvida junto ao PPGAC-UFRGS: <http://www.lume.ufrgs.br/bitstream/handle/10183/35395/000794698.pdf?sequence=1> defendida em 2011, a qual também contava com a análise de outro espetáculo, este dos performers brasileiros Ricky Seabra e Andréa Jabor, intitulado *Isadora.Orb- A Metáfora Final*.

² Consultar indicações de sítios e outras informações acerca da obra de Rodrigo García ao final deste texto.

³ A obra dramática de García está bastante coberta desde o ano de 2001 na França, através da editora Solitaires Intempestifs. Em 2010, sua dramaturgia completa foi publicada na Espanha pela editora Uña Rota. Ver *Cenizas Escogidas: Obras 1986-2009*, compilação da sua obra dramática, editada na Espanha.

Nos anos do regime franquista, de 1939 a 1975, o teatro espanhol se caracterizou por uma organização econômica fundamentalmente privada, dependente da censura estatal rigorosa e com repertórios de peças de apelo comercial, as quais praticavam altos preços.

A partir da segunda metade dos anos sessenta, o movimento Teatro Independiente transformou o panorama teatral dos últimos anos do franquismo. Dentre estes grupos, destacaram-se Els Joglars (1962), Los Goliardos (1964), Els Comediants (1971) e o grupo La Fura dels Baus (1979), considerado como uma segunda geração do movimento Independiente. O movimento dos grupos do Teatro Independiente promoveu uma substancial renovação na cena espanhola, influenciando as novas gerações dos oitenta, da qual García viria a fazer parte.

Radicado na Espanha a partir dos anos oitenta, García iniciou sua carreira artística em terras espanholas no chamado círculo de teatros alternativos de Madri. Nascidos dos pequenos grupos amadores, semiprofissionais, estudantis e universitários, os quais estavam à margem dos teatros oficiais, estas companhias oitentistas se organizavam em modo cooperativado, com direção coletiva e administrando os seus próprios espaços, muitos destes não convencionais e adaptados para serem salas de exibição e pesquisa. As montagens destes grupos se caracterizavam pela crítica social, inovações estéticas, abandono do textocentrismo e criação de encenações que valorizassem os elementos da performance.

Na esteira deste “movimento” de criação de um teatro “não-oficial” que tomava forma na Espanha dos anos oitenta, artistas como Carlos Marquerié, Óskar Gómez, Angélica Liddel e Rodrigo García começaram a realizar seus trabalhos nestes novos locais, agora adaptados para serem usados como teatros alternativos. Rodrigo García trabalhou junto a alguns destes coletivos, com destaque para o teatro Cuarta Pared (1986), centro de investigação e formação teatral dirigido por Javier Garcia Yagüe, o qual abrigou o trabalho de García durante os seus primeiros anos. Outra casa na qual o artista ensaiou e encenou espetáculos foi o Teatro Pradillo (1990), sob a administração de Carlos Marquerié e Juan Muñoz Rebollo.

Desde o início de sua carreira, García não se identificava com os autores tradicionais da Espanha, e desse modo passou a escrever seus próprios textos. Os primeiros trabalhos textuais do autor questionavam as formas dramáticas tradicionais, e foram influenciados pelo teatro do absurdo, pelo escritor Louis Ferdinand Céline, bem como pelos dramaturgos Heiner Müller, Thomas Bernhard e Peter Handke.

Em meio à movimentação cultural madrilena, García trata de buscar outras informações e vertentes para seu trabalho, tendo se tornado grande frequentador de exposições de arte, mostras internacionais e apresentações de performance art. Nestes locais, o artista toma contato com pessoas de diferentes áreas: dança, performance art, música. García passa a se identificar com a liberdade das formas da performance art, a qual, no teatro espanhol, existia sob a forma de tentativas isoladas, sem uma presença marcante. É a partir deste período que Rodrigo García passa a dialogar com a obra de artistas visuais tais como Jenny Holzer, Bruce Nauman, Gary Hill, Bill Viola e Sol LeWitt.

Assim, suas principais influências são oriundas deste contato com as artes visuais, bem como da obra de diretores que costumam trabalhar em processos colaborativos com artistas dos campos da ópera, da música e da dança, ou ainda dos profissionais das áreas da tecnologia da informação e das mídias,

Gosto de Jan Fabre porque faz coisas formalmente contraditórias [...], podendo ser um moderninho formalista, [ele] enche suas obras de conteúdo e compromisso social. Gosto de Sacha Waltz porque consegue uma poesia com os corpos que é muito clara. Gosto de Meg Stuart, Societas Raffaello Sanzio, Alain Platel e Forced Entertainment (GARCÍA, 2002)⁴.

Seu grupo La Carnicería Teatro⁵ foi fundado no ano de 1986 e, com esta companhia, o encenador desenvolve suas principais criações. García declarou que a nova companhia foi assim denominada porque desejava dar seguimento ao “negócio familiar”, uma casa de carnes em Buenos Aires administrada por seus pais.

Inicialmente, a companhia ocupava o teatro Cuarta Pared, na capital madrilena, e se mantinha através de alguns subsídios do Estado, bem como da produção e administração de suas próprias montagens. García atuava como diretor geral trabalhando com um núcleo formado pelos performers Chete Lera, Patricia Lamas, Miguel Ángel Altet e Juan Oriente. O diretor contava com colaboradores constantes como o diretor teatral e iluminador Carlo Marquerié, a coreógrafa

4 Original em espanhol. Tradução livre de minha autoria.

5 Carnicería, em espanhol, refere-se ao local onde se vendem carnes para o consumo, ou seja, um açougue, mas também pode remeter à ideia de carnificina. Deste modo La Carnicería Teatro pode tanto ser traduzido como Teatro Açougue ou ser entendido como Teatro da Carnificina.

Helena Córdoba e o músico Ferdy Sparza. Dentre estes nomes, apenas Juan Lorient e Carlos Marquerie permanecem atualmente trabalhando de forma continuada com o encenador argentino. Nas encenações do grupo, as quais abordavam de forma iconoclasta temas como a família, a religião e as normas sociais, os espetáculos do La Carnicería costumavam dividir, enojar e, por vezes, enfurecer parte da audiência, a qual frequentemente abandonava o teatro em muitas de suas apresentações. Com o tempo, a plateia espanhola aprendeu a conviver com o estilo corrosivo do grupo, sem que este tivesse que abdicar do impacto de suas montagens desconcertantes.

A partir dos anos de 1990, La Carnicería muda suas investigações, optando então por retratar os próprios mecanismos do teatro, questionando o “papel do personagem, a validade da narrativa, a lógica do tempo e do espaço, subvertendo o papel do conflito na performance, e apontando para o conflito entre texto e ação, o qual assombra o teatro de García até hoje” (OROZCO, 2010:298)⁶. Ainda nesta década, Rodrigo García começa a ficar conhecido fora da Espanha, apresentando espetáculos nos festivais de Florença (Itália), Toulouse (França) e Delfos (Grécia).

Durante os anos 2000, García adquire reconhecimento internacional com as montagens *Aftersun* (2000), *Compré Una Pala En Ikea Para Cavar Mi Tumba* (2002), *La Historia de Ronald MacDonalds* (2002) e *Jardinería Humana* (2003). A partir destes espetáculos, o encenador passa a realizar turnês internacionais,

García encontrou na França seu país de acolhida, [...] e na rede de festivais da Europa, uma plataforma para a apresentação de seus trabalhos, colaborando com os teatros nacionais e os festivais da França. Anualmente comparece a um dos festivais mais prestigiados do mundo, o Festival de Avignon, ao lado de Jan Fabre, Jan Lauwers e Guy Cassiers [...] Frequentemente seus trabalhos se apresentam na Alemanha, Bélgica, Finlândia, Grã-Bretanha, Grécia, Holanda, Itália, Suíça e América Latina, onde ministra oficinas de dramaturgia e criação cênica (OROZCO, 2009:52)⁷.

Este apoio francês foi definitivo para a consolidação da carreira de García fora da Espanha, de forma que, a partir do ano de 2000, a França pode ser considerada um dos principais produtores das obras de García, sendo que a maioria de seus espetáculos é financiado parcial ou totalmente pelo governo francês. Sua obra não somente é publicada na França, mas seus textos integram o currículo do ensino secundário, sendo sua dramaturgia e encenações matéria frequente de estudos e teses universitárias naquele país.

A partir do período de internacionalização, o trabalho de Rodrigo García se torna mais abertamente político, oferecendo referências específicas a episódios políticos contemporâneos como as guerras do Iraque e Afeganistão, ou a exploração dos países ainda em situação de desenvolvimento.

A carreira internacional também acarretou mudanças na forma como o público de fala hispânica recebe a obra deste encenador. Antes do período internacional, o diretor teatral era frequentemente conhecido como *enfant terrible* das artes espanholas. Após o seu reconhecimento internacional, García não alterou a sua poética, mas passou a ser reconhecido na Espanha e a integrar a programação dos principais festivais, tendo sido inclusive convidado pela Sociedade Estatal de Comemorações Culturais para montar um espetáculo por ocasião da comemoração oficial dos duzentos anos da Constituição de 1812⁸, financiamento que resultou no espetáculo *Versus* (2008), o qual realiza turnês até hoje.

As mudanças também se operaram na organização do grupo de García, que deixou de ter um conjunto central de colaboradores. O artista argentino passou a ser um diretor que cumpre diferentes agendas de apresentações em países da Europa e eventualmente na América Latina, reunindo elencos variados sob o nome de Rodrigo García - Carnicería Teatro (OROZCO, 2010:308).

6 Original em inglês. Tradução livre de Paulo Brody.

7 Original em espanhol. Tradução livre de minha autoria.

8 Constituição de Cádiz que dava várias garantias civis aos cidadãos espanhóis da época.

Principais obras de Rodrigo García em teatro

2011 - Gólgota Picnic. Texto e encenação: Rodrigo García. Atuação: Gonzalo Cunill, Núria Lloansi, Juan Lorient, Juan Navarro e Jean-Benoît Ugeux. Pianista: Marino Formenti. Produção: Centro Dramático Nacional (Espanha) Teatro Garonne de Toulouse (França) e Festival de Outono de Paris (França).

2009 - Muerte y Reencarnación en Un Cowboy. Texto e encenação: Rodrigo García. Atuação: Juan Lorient, Juan Navarro, Marina Hoisnard. Produção: Teatro Nacional da Bretanha (França);

2008 - Versus. Texto e encenação: Rodrigo García. Atuação: Patricia Alvarez, David Carpio, Amelia Diaz, Ruben Escamilla, Juan Lorient, Nuria Lloansi, David Pino, Daniel Romero, Victor Vallejo. Produção: SECC - Sociedade Estatal de Comemorações Culturais (Espanha);

2007 - Cruda, Vuelta y Vuelta, Al Punto, Chamuscada. Texto e encenação: Rodrigo García. Atuação: Juan Lorient, Ramiro Basilio, Guillermo Cerna, Pablo Ceresa, Rodrigo Díaz, Jorge Ferreyra, Manuel Sacco, Gastón Santamarina, Pablo Suárez, Kevork Tastzian, Oscar Truncellito, Victor Vallejo, Juan Vallejo, Leandro Villalba, Vera Villalba e David Villalba. Produção: Festival de Avignon (França), Teatro Per La Musica di Roma (Itália), Festival de Atenas (Grécia) e Festival de Salamanca (Espanha);

2002 - La Historia de Ronald el Payaso McDonalds. Texto e encenação: Rodrigo García. Atuação: Ruben Ametllé, Juan Lorient, Juan Navarro. Produção: Festival Citemor (Portugal);

2000 - Aftersun. Texto e encenação: Rodrigo García. Atuação: Patrícia Lamas e Juan Lorient. Produção: Festival de Delfos (Grécia);

1999 - Borges. Texto e encenação: Rodrigo García. Atuação: Juan Lorient. Produção: Casa de América. (Espanha);

1997 - Protegedme de Lo Que Deseo. Texto e encenação: Rodrigo García. Atuação: Miguel Ángel Altet, Victor Contreras, Fernandito, Patrícia Lamas e Chete Lera. Produção: Sala Cuarta Pared (Espanha).

Para saber mais sobre García e sua obra, consultar:

Archivo Visual de Las Artes Escénicas: <http://artesescenicas.uclm.es/index.php?sec=artis&id=76>

Para a dramaturgia editada de Rodrigo García, consultar:

Em língua espanhola:

Editorial La Uña Rota: www.larota.es

Editorial Pliegos de Teatro y Danza: <http://pliegosteatroydanza.wordpress.com/>

Em idioma francês:

Éditions Le Solitaires Intempestifs: <http://www.solitairesintempestifs.com/>

Para visualizar trechos e imagens de seus espetáculos consultar:

<http://rodrigogarcia.es/>

<http://www.theatre-contemporain.net/biographies/Rodrigo-Garcia/videos/>

http://www.youtube.com/results?search_query=rodrigo+garcia+la+carniceria+teatro&aq=f

Referências:

GARCÍA, Rodrigo. 'Arte Nuevo de Hacer Teatro: Entrevista com Rodrigo García'. (Entrevista realizada por Antonio Castro.) In: Letras Libres, febrero de 2010. Madri: Vuelta, 2010.

Disponível em:

<http://www.letraslibres.com/index.php?art=14463>

Último acesso em: 15 de março de 2012

GARCÍA, Rodrigo. 'La Carnicería Se Abre al Encuentro del Público'. (Entrevista realizada por Pablo Caruana.) In: Primer Acto: Cuadernos de Investigación Teatral, nº 294, 2002, pp. 44-58. La Rioja: Universidad de La Rioja, 2002.

Postado no sítio TEATRON - Free Live Arts Community em 15/02/2011.

Disponível em:

<http://www.tea-tron.com/pablocaruana/blog/2011/02/15/la-carniceria-se-abre-al-encuentro-del->

-publico/

Último acesso em: 07 de março de 2012

GARCÍA, Rodrigo. 'Política, Identidad y Teatro: Entrevista a Rodrigo García'. (Entrevista realizada por Analola Santana.) In: Cartografía Teatral: Los Escenarios de Cádiz en el FIT 2008 - Ediciones Electrónicas de GESTOS. Irvine: UCI, 2008.

Disponível em:

<http://www.hnet.uci.edu/gestos/GESTOS%20ONLINE/18-GESTOSONL-Santana.pdf>

Último acesso em : 05 de maio de 2012

GARCÍA, Rodrigo. 'Señalar la Violencia Es Más Importante que Ocultarla'. (Entrevista realizada por Roberto Corte.) In: La Ratonera, revista asturiana de teatro, Número 26, maio de 2009. Valência: ORIS Teatro, 2009.

Disponível em:

http://www.la-ratonera.net/numero26/n26_rodrigo.html

'El Payaso Consume Cuerpos'. In: La Nación, 12/01/2006.

Disponível em: <http://www.lanacion.cl/noticias/site/artic/20060111/pags/20060111211515.html>

Último acesso em: 28 de junho de 2012.

OROZCO, Lourdes. 'Rodrigo García and La Carnicería Teatro: From the Collective to the Director'. In: DELGADO, Maria M.; REBELLATO, Dan. (Orgs.) Contemporary European Theatre Directors. Nova Iorque: Routledge, 2010, pp. 299-316.

SÁNCHEZ, José A. 'Rodrigo García y La Carnicería Teatro'. In: Archivo Virtual Artes Escénicas, 01/03/2007. Cuenca: Universidad de Castilla La Mancha, 2007.

Disponível em: <http://artescenicass.uclm.es/index.php?sec=texto&id=18>

Último acesso em: 15 de maio de 2012.

Sítios consultados:

<http://www.laboratorionove.it/a-un-certo-punto-della-vita-dovresti-impegnarti-seriamente-e-smettere-di-fare-il-ridicolo/>

<http://www.scanner.it/live/garcia3876.php>